

MOMENTO DECISIVO NA GRÉCIA CLÁSSICA DE 399 a. C: O JOVEM MELETO EM CENA

Antonio de Brito Freire (Doutorado - PPGLI/UEPB)

Resumo: Em 399 a. C, os jovens estavam à frente das revoluções artísticas, políticas e culturais e suas ações influíram na “legislação”, na medicina, na história, na matemática e na filosofia (GOFFMAN e JOY, 2007). Para observar a juventude, escolheu-se como alvo o jovem Meleto na Grécia clássica sob o olhar de Platão em seu livro *Apologia de Sócrates*. De um lado, o poeta Meleto acusador e anti-herói, de outro, o filósofo, o pai da maiêutica. Para explicar este conflito de gerações entende-se que “cada mídiasfera é ela própria o encaixamento das esferas precedentes, imbricadas umas nas outras.” (DEBRAY, 1995). Sócrates não escreveu, mas sua voz e seus gestos são as mídias que propiciaram o cruzamento entre os suportes da escrita e da voz das personagens. O tema desta condenação contempla o choque entre gerações onde cada uma domina o suporte que lhe apraz. Este conflito se configurou menos pela disputa de um “método”, o maiêutico, do que de um embate “midiológico” que envolve formas de sociedades e sistemas de linguagens. O jovem Meleto, tratado na *Apologia* como poeta, é o acusador que escreveu e programou uma nova mídiasfera, a da escrita. Dentre as acusações, uma foi crucial para esta abordagem, Sócrates “é culpado de corromper a juventude” (Cf. PLATÃO). Sócrates representa a mídiasfera da memória cerebral, o jovem Meleto é a metonímia da juventude na memória literária, o que suscita um debate sobre a poesia não como essência, mas como trânsito permanente entre mídiasferas.

Palavras-chave: mídiasferas, gerações, poeta, filósofo.

Introdução:

Sócrates, aquele que não escreve

Nietzsche

O presente artigo aborda a participação do jovem poeta Meleto na *Apologia de Sócrates*, obra escrita em forma de “diálogo” por Platão no período clássico da Grécia de 399 a. C. Nela, ressalta-se um debate à luz dos diversos “rizomas” que imbricam poesia e filosofia na deflagração de uma conversa extremamente conturbada e desigual entre o jovem e o velho. O “velho” Sócrates, na *Apologia*, desmoraliza o jovem Meleto taxando-o de irresponsável por não saber o que queria com sua acusação.

A nosso ver, neste livro, se configura um conflito de gerações, que indica Meleto como o representante da juventude e Sócrates, como o representante de uma geração de homens “maduros”, de homens velhos, mas, que andou filosofando cercado por jovens que admiravam e adotavam seu método de análise das coisas do mundo.

O mais fascinante neste “diálogo”, é que o jovem poeta, em determinado momento, pode aparecer como “conservador” por ser o pivô de uma crise fundada em denúncias pouco avançadas: pregar a existência de vários deuses, corromper a juventude, o que sugere uma espécie de análise que denuncie o perfil desta personagem por levantar questões de cunho institucional e pessoal. Por outro lado, o “velho” Sócrates, lançava um método considerado avançado para aqueles que o seguiam, mas que chocava tanto seus “contemporâneos” quanto a geração dos jovens representados por Meleto.

Discute-se a formação de tendências historicistas e filosóficas que acabaram levando o dito poeta jovem ao lugar comum entre os esquecidos da literatura universal, como se seu “apagamento” fosse o prêmio mais eficaz para o “embate” proposto ao filósofo.

Na verdade, a morte física deste jovem, a princípio, foi por apedrejamento como vingança, e o mais curioso é que sua atitude lhe rendeu além desta morte física, também, a morte literária e tudo indica que seus versos foram extraviados, uma vez que inexistem arquivos que tenham preservado a poesia do referido jovem. (PAES, 1995) em seu livro remonta e traduz versos de poetas palatinos do século de Meleto que, desprestigiado, não

aparece nesta coletânea. O interessante, neste estudo de Paes, é Platão ser preservado como poeta. O que talvez explique a referida lacuna é o fato de não haver poemas deste jovem com passagem tão marcante na história da filosofia, o que é passivo de críticas. Duas coisas, ou o poeta realmente, como Sócrates, não registrou seus versos, pelo suporte da escrita, ou foi um poeta da voz de onde seus versos emergiram e submergiram para o mundo do esquecimento sem despertar a atenção da crítica literária para sua produção.

Na *Apologia de Sócrates*, este jovem, em alguns momentos, aparece como aquele que irresponsavelmente levou o número um da filosofia aos calvários da condenação e da morte.

Foi a partir de então que se iniciou uma mudança radical na relação amena que o filósofo Platão, e também poeta, conforme Paes tinha com a poesia desde *O Íon e O banquete* obras onde a recorrência de Platão a versos de poetas tais como Homero e Hesíodo eram constantes fundamentadoras de suas exemplificações. Esta relação, posteriormente, ramificou uma das maiores perseguições ao poeta e sua arte.

O jovem Meleto é singular por levar Sócrates ao tribunal através da mídiasfera da escrita, (DEBRAY, 1995), suporte este que inscreveu as acusações consideradas plausíveis para esta abordagem sobre a participação da juventude na sociedade grega do século IV: Sócrates é acusado de corromper a juventude. Eis a acusação que levou o poeta jovem ao entrelaçamento de interesses que culminaram em seu desmanche como poeta das letras e da voz. Nenhuma tradição oral manteve vivos os poemas declamados nas Edipédias por onde o poeta esteve presente em voz.

O que chamou a nossa atenção, neste enredo, foi o fato de ser um jovem quem escreveu, inscreveu e defendeu a tese de condenação do fundador da “prática do nada saber”, aquele que testou incansavelmente o suposto saber dos outros com a convicção do “só sei que nada sei”.

Algumas abordagens analisam os diversos significantes em torno dos sentidos que permeiam o que seria esta corrupção de jovens, mas uma, é importante ressaltar: a que conduz o jovem Meleto às mortes indicadas anteriormente por levar o “velho” Sócrates a uma banca de heliastas, juízes do povo, para se defender de acusações consideradas graves, mas sem importância, o que não corrobora com o entendimento e decisão dos juízes que votaram

favorável à condenação acatando a acusação e a defesa do jovem poeta tanto na escrita como na voz.

Na interpretação das intervenções dos jovens, neste instante de poesia e filosofia, a acusação e posterior condenação de Sócrates foi, sem dúvida alguma, o marco da tentativa de uma mudança na relação dos gregos com a poesia. Tentativa esta que deixou marcas indeléveis que sinalizam para caminhos que demarcam o momento decisivo neste instante de efervescentes idéias e novos rumos para a sociedade grega.

1- Momento decisivo: o jovem em cena

Os estudos da cultura dos jovens tendem a trabalhar no interior das “práticas da vida cotidiana” (CERTEAU, 1984).

Os avanços culturais, propiciados pelos jovens, estão intrínsecos nos ditames da vida cotidiana, o que justifica que a ascensão e queda dos jovens estão imbricadas em vertentes teóricas que viabilizam o despontar de suas principais idéias. Embora Debray nos alerte que devemos ter cuidado com a idéia do novo:

Para que o culto do novo não venha a substituir nos espíritos jovens o antigo culto da força. O fato de observar certa vigilância cívica e crítica em relação à inovação não significa minimizá-la como coisa (DEBRAY, 1995, p. 161).

Entretanto, não se pode negar, em todas as civilizações sempre houve confrontos de gerações onde uma sempre acabou determinando os rumos no entorno de progressos e atrasos sociais que ora beneficiam, ora prejudicam o desempenho destas sociedades. Faz-se urgente um olhar que busque a quebra desse binarismo, de lados antagônicos, opostos, do um contra o outro. Há movimentos tecnológicos, poéticos, filosóficos e políticos que podem corroborar que Meleto e Platão, em certo sentido, estão próximos na escrita e na voz.

No século IV antes de Cristo, a juventude despontou como o centro de onde emergiam as modificações geradoras de movimentos de vanguardas nas revoluções

artísticas, políticas e culturais. Em 399, momento ímpar da democracia grega, os jovens estavam na linha de frente das evoluções culturais, e, tiveram uma participação ativa importante e decisiva na vida das cidades gregas. Primeiro, é importante ressaltar que as acusações impetradas pelo jovem Meleto, protagonista da *Apologia de Sócrates*, que moveu, escreveu e defendeu a queixa-denúncia, se configuraram, a priori, por sua antipatia e oposição ao método, o maiêutico, conforme esclarece Walter J. Black apud (GOFFMAN E JOY, 2007, p.72).

Comece com uma pergunta simples, sugerida por algo que outra pessoa tenha dito. Peça a ela inocentemente para explicar o que pensa ser o significado de alguma palavra familiar, o nome de algo imaterial, mas comumente visto como sendo algo importante.

Este método desenvolvido por Sócrates e exercitado pelo viés do suporte da voz, ora situada na crise das divagações de entendimentos entre a “tradição oral e a transmissão oral” que Zumthor (1995, p.17) *situa a primeira na duração e, a segunda no presente da performance.*

Uma consideração da oralidade (se assim posso dizer) do animal humano do ponto de vista da evolução exige-nos reconhecer que a linguagem oral é fundamental em nossa espécie, enquanto ler e escrever tem todo o jeito de um acidente recente (HAVELOCK, 1996, p.49).

As acusações do jovem, em princípio, recorreram ao suporte da escrita que inscreveu nos trâmites burocráticos desta democracia a intervenção e o domínio, também, oral, deste representante da juventude que acusou tanto na escrita quanto na voz, o “velho” Sócrates.

Se as discussões sobre a oralidade das tradições poéticas perderam hoje em mordacidade, não foi – ou foi só secundariamente – por causa da equivocidade dos fatos. Salvo algumas fugazes exceções – essa oralidade não é interrogada sobre sua natureza nem sobre suas funções próprias (ZUMTHOR, 1995, p. 18).

É necessário, desviar o foco do julgamento por si mesmo, embora partamos dele, e pensar mais num embate semiótico que explicará como o jovem Meleto acabou neste desmanche intelectual. Este confronto semiótico sinaliza para os indícios de um binarismo cuja sobrevivência, em suas verdades e mentiras, depende exclusivamente da força de uma mídia sobre outra. No caso em questão, há as

mídiasferas predominantes e em diálogos, a escrita e a voz. Entenda-se o termo mídiasfera como:

O sistema dominante de conservação dos vestígios (coleta, estocagem e circulação) serve de núcleo organizador à mídiasfera de determinada época em determinada sociedade.

Este termo designa um meio de transmissão e transporte das mensagens e dos homens, com os métodos de elaboração e difusão intelectuais que lhe correspondem (DEBRAY, 1993, p.243).

Primeiro, a escrita foi o suporte que registrou e oficializou a queixa-denúncia, talvez, pelo fato de ser considerada, conforme Debray, como:

Atividade cognitiva complexa, e por si mesma um instrumento técnico assimilável, como alavanca ou a roda dentada. Canonicamente definida como todo instrumento destinado a transmitir a ação de uma força a um ponto que não está em sua direção ou a modificar a direção desta força (DEBRAY, 1995, p.147).

Segundo, a voz foi o canal de defesa pública, onde o jovem e o “velho” se encontraram para debater, em voz, as acusações escritas. Vejamos o que diz Zumthor sobre a questão da defesa pública de um texto previamente escrito, memorizado ou improvisado a partir da voz:

Quando um poeta ou intérprete canta ou recita (seja o texto improvisado ou memorizado) sua voz por si só lhe confere autoridade. O prestígio da tradição, certamente, contribuiu para valorizá-lo; mas o que integra nessa tradição é a ação da voz (ZUMTHOR, 1995, p.19).

Este fato é recheado de confrontos e conflitos que envolveram a escrita e a voz, e está situado conforme indicamos acima, no auge da democracia grega, em Atenas, berço cultural do mundo ocidental marcado pela ocorrência da execução de um homem, nada comum, com mais de setenta anos de idade cuja condenação e morte modificaram conceitos sobre os termos morte, poesia, justiça e injustiça.

Dentre os itens das acusações que o jovem Meleto escreveu e representou contra o “velho” Sócrates, um, foi crucial, talvez, o cerne das mudanças ocorridas na relação da poesia com a filosofia e que se caracteriza numa relação que se altera cada vez mais pela via midiática.

Eis a acusação que envolve nosso alvo: Sócrates “é acusado de corromper a juventude” (Cf. GOFFMAN E JOY). Este foco das acusações é o ponto-chave da participação dos jovens nesta sociedade. De forma que estes lutaram pelo que

entendiam como imprescindível para uma Grécia mais democrática e mais avançada onde as leis, a poesia e a filosofia foram bandeiras de lutas encaradas como fontes inesgotáveis para a construção do saber humano.

Neste cenário de mudanças, no decorrer da prisão e morte de Sócrates, os jovens que o admiravam se aglomeravam ao seu redor para ouvirem suas instruções e orientações à luz da ciência que criou e praticou. O “velho” Sócrates conduziu jovens alunos e seguidores a debates que introduziram “o pensamento crítico independente na cultura ocidental”.

O jovem Meleto interferiu na bio/grafia (Cf. MAINGUENEAU) de Sócrates em escrita e em voz, e, posteriormente, também, interferiu na escrita de Platão, mais precisamente na *República* que passou por alguns retoques teóricos para redirecionar, os livros III e X, desta obra, ao maior ataque desferido contra o poeta e sua arte.

È claro que este ataque já havia sido sinalizado na *Apologia* pelo silêncio. E

Este silêncio não se pode entender nem como susceptibilidade ética nem como sinal de impotência diante do mundo, nem ainda como metáfora dialéctica da função semântica da palavra. O que há de essencial a toda a palavra é o seu silêncio. Este silêncio deve ser entendido como atitude ante a idéia de qualquer representação do mundo (PIMENTA, 1978, p.98).

O silêncio a que Platão submeteu o poeta nesta obra dedicada ao enredo da acusação de Sócrates é uma premissa importante para a sobrevivência literária deste homem grego, que segundo Vegetti (1994 p.231) “*revela o caráter difuso da experiência do <<sagrado>>, a sua proximidade em relação aos tempos e lugares da vida cotidiana*” e é responsável, em nossa cultura ocidental, pela máxima contemporânea de que “*não são as respostas que movem o mundo, mas as perguntas*”, o que corrobora que a ciência que fundou no século IV a. C, e que foi confrontada pelo jovem Meleto, ainda é atual.

O interessante neste enredo: os jovens rodearam o filósofo com a finalidade de sondá-lo até a morte. Parte dos depoimentos que temos sobre sua morte deve-se a estes jovens que testemunharam seus últimos instantes e repassaram o conteúdo a Platão para posterior apologia socrática.

No dia em que ele iria morrer bebendo cicuta, jovens admiradores se reuniram ao redor dele, como tinham feito há quarenta anos, para falar da vida e de seus significados mais profundos e verdadeiros. Conduziu seus

jovens seguidores por uma discussão dialética acerca de justiça, morte e vida após a morte (GOFFMAN, JOY, 2007, p.68).

Portanto, é imprescindível, o estudo de uma midiologia que observe essa rede de significantes que envolvem Platão, os discípulos de Sócrates, o próprio Sócrates e o Meleto em poesia, filosofia e política. Uma midiologia com

Estrutura, simultaneamente, técnica e institucional, dotada de modos dominantes de redes dominadas, de eixo principal e de vias secundárias: o emaranhamento complicado, embora descritível de suas cadeias de difusão, centros de estocagem, tipos de circulação (DEBRAY, 1995, P.252).

Há dois tipos de jovens que se intercalam entre os que ora estão com Sócrates seguindo suas orientações, e ora os que estão com o próprio Meleto se imbricando nos pontos de vistas. Uma questão é interessante destacar: Meleto foi um jovem considerado imaturo por Platão e indicado como a personificação da juventude enquanto representante do texto escrito e da voz.

Este jovem encampou o que, hoje, poderíamos considerar como uma “nova” operação epistemológica (ONG, 1998). Escolheu a mídia do papel para escrever a acusação e, posteriormente utilizou perante o tribunal, a mídia da voz, suportes estes que lhes deram a “vitória” na sua missão de acusador e defensor da queixa que impetrou.

A juventude foi exposta por Platão, em sua *Apologia*, em diversas situações em que expressões como *jovenzinhos*, *jovem*, e *jovens* são colocadas em situações bastante adversas ao papel importante que desempenharam neste enredo.

Algumas aparições destes termos confirmam a importância dos jovens nesta obra e fortalecem a tese de que foram negligenciados por Platão que em suas interpretações descreveu e classificou as ações desta faixa-etária como imaturas e infundadas mesmo sendo fontes imprescindíveis nas evoluções culturais, políticas e artísticas desta época.

Se fizermos um recorte e estabelecermos uma ponte com os anos de 1970-1980, tanto na Europa quanto no Brasil, veremos que a juventude encampa e dá rumo aos movimentos culturais responsáveis pelas verves mais avançadas de nossa sociedade.

Os acontecimentos políticos mais dramáticos, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980 foram as mobilizações da faixa etária, que em países menos politizados, fazia a fortuna da indústria fonográfica, que tinha 70% a 80% de uma produção - sobretudo de rock, vendida quase inteiramente a clientes entre as idades de catorze e 25 anos (HOBBSBAWN, 1995, p.318).

Voltando à juventude na *Apologia de Sócrates*, vejamos abaixo alguns fractais da obra de (PLATÃO, MCMLXIX), com introdução de Alceu Amoroso Lima, onde as expressões sinalizam para uma exposição da importância da juventude, embora o conteúdo significativo dos referidos termos, às vezes, deixe a desejar.

O jovem na *Apologia de Sócrates*:

Conheceis bem Xenofonte. Era meu amigo desde **jovem**, também amigo do vosso partido democrático, e participou de vosso exílio e convosco repatriou-se. E sabeis também como era Xenofonte, veemente em tudo aquilo que empreendesse. Uma vez, de fato, indo a Delfos, ousou interrogar o Oráculo a respeito disso e - não façais rumor, por isso que digo - perguntou-lhe, pois, se havia alguém mais sábio do que eu. Ora, a Pitonisa respondeu que não havia ninguém mais sábio (PLATÃO, MCMLXIX, p.34).

E isso o farei com quem quer que seja que me apareça, seja **jovem** ou velho, forasteiro ou cidadão, tanto mais com os cidadãos quanto mais me sejam vizinhos por nascimento (p.61).

Os juvenzinhos:

Em verdade nem conviria que eu, nesta idade, me apresentasse diante vós, ó cidadãos, como um **juvenzinho** que estuda os seus discursos (p. 26).

Pois eu também tenho parente e filhinhos, ó cidadãos ateniense: três, um **juvenzinho** e duas meninas; mas, contudo, não farei vir aqui nenhum deles para vos rogar a minha absolvição (p.78).

Os jovens:

Pois esses acusadores são muitos e me acusam há bastante tempo; e, além disso, vos falavam naquela idade em que mais facilmente podíeis dar crédito, quando éreis criança e alguns de vós muito **jovens**, acusando-me com pertinaz tenacidade, sem que ninguém me defendesse (p.28).

...que alguém seja capaz de instruir os homens Górgias Leontino, Pródico de Coo, e Hípias de Élida... Porquanto, cada um desses, ó cidadãos, passando de cidade em cidade é capaz de persuadir os **jovens**... (p.31).

Além disso, os **jovens** ociosos, os filhos dos ricos, seguindo-me espontaneamente, gostam de ouvir-me examinar os homens, e muitas vezes me imitam, por sua própria conta, e empreendem examinar os outros; e então, penso, encontram grande quantidade daqueles que acreditam saber alguma coisa, mas, pouco ou nada sabem (p. 42).

Daí, aqueles que são examinados por eles encolerizam-se comigo assim como com eles, e dizem que há um tal Sócrates, perfidíssimo, que corrompe os **jovens**. (p.42)

Agora dize-me, Meleto; não é verdade que te importa bastante que os **jovens** se tornem cada vez melhores, tanto quanto possível? (p.47).

Como, Meleto? Esses são capazes de educar os **jovens** e os tornar melhores? (p.47).

Assim, pois, todos os homens, como parece, tornam melhores os **jovens**, e só eu corrompo os jovens. Não é isso?

Vê quanta abundância de pessoas úteis! Como? Também estes tornam melhores os **jovens** ou não?

Pois seria uma fortuna para os **jovens** que um só corrompesse e os outros lhes fossem todos úteis (p.48)

Mas, na realidade, Meleto, mostraste o suficiente que jamais te preocupaste com os jovens... (p.49.)

Vamos, pois tu me acusas como pessoa que corrompe os **jovens** e os torna piores (p.51).

Meleto, o que significa a tua expressão, dizendo que corrompo os **jovens**? (p.53).

De modo que **os jovens** aprendem coisas de mim (p.54).

Por toda parte eu vou persuadindo a todos, **jovens** ou velhos (p.61).

Com efeito, suponhamos que, entre os **jovens**, há alguns que estou corrompendo e outros que já corrompi... (p. 73).

E tanto mais vos atacarão quanto mais **jovens** forem e disso tereis maiores aborrecimentos (p. 95).

Como se vê, na obra de Platão, o jovem é alvo temático na defesa de Sócrates, e, sobretudo, aparece como suporte para este autor expor, através de Sócrates, sua visão sobre a juventude neste complexo de gerações.

Assim, após esta condenação, o jovem Meleto, teve sua sobrevivência literária e cidadania cultural comprometidas mediante o suporte da escrita platônica que manipulou as vozes do jovem poeta e do filósofo em suas abordagens, ora silenciando uma voz, ora delegando maior territorialização à outra.

É importante ressaltarmos, que para Havelock (1996, p. 49) “*a idade da escrita, dos estágios sucessivos de domínio do saber letrado, não passa, em comparação, de um mero instante da história de nossa espécie*”.

Portanto, de acordo com a escrita platônica, na *Apologia*, há uma espécie de disputa entre as vozes, onde uma aparece como mais longa, portanto, portadora de maior potencial lingüístico e outra mais breve e monossilábica com “notória inferioridade” em relação ao espaço ocupado dentro dos “diálogos” que, a nosso ver, não se configuram como “diálogos” na sua completude porque na tradução que ora estudamos, há a presença imperante de uma voz sobre outra em número de páginas assustador. Há intervalos entre a fala de Sócrates para a fala de Meleto que chega a 20 páginas em pró do filósofo e o poeta só entra em cena (PLATÃO, MCMLXIX, pp. 25-47), quando Sócrates conclui a primeira parte de sua argüição e abre o “espaço” que seu método propõe:

- Agora, dize-me, Meleto: não é verdade que te importa bastante que os jovens se tornem cada vez melhores, tanto quanto possível?

Responde o jovem:

- Sim, é certo.

Prosegue Sócrates no seu massacre.

-Vê, Meleto, calas e não sabes o que dizer...mas, dize, homem de bem, quem os torna melhores?

Concorda o Jovem:

- As leis

(PLATAO, MCMLXIX, p.47).

É assim por toda obra, a presença da voz do acusador é mínima porque o filósofo faz o outro filósofo gigante esmagador da voz da denúncia escrita. É como se Platão desse o troco dobrado, em escrita e em voz, contra aquilo que o jovem impetrou na escrita. O massacre é estupendo porque na fala da escrita que Platão produz, o poeta é silenciado, e, sobretudo, ridicularizado.

Neste “dialogismo” se percebe o atravessamento da voz pela escrita e da escrita pela voz, o que talvez explique que apenas a denúncia escrita não era suficiente por si só, carecendo da defesa pública da voz. Corrobora-se com Havelock (1996, p. 295) quando esclarece que os “*estilos oral e letrado são justapostos como adversários, com vantagem para o primeiro*” no estudo em questão esta vantagem se transformou em desvantagem, principalmente no tocante à preservação da fala do jovem Meleto pela escrita de Platão.

Entende-se que ambos os suportes se bifurcam na *Apologia*. É como se Platão desejasse, através do suporte da escrita, preservar esta outra voz, que mesmo sendo de Sócrates, é sua também, ali está sua interioridade repleta de artimanhas que a escrita detém. Parece sugerir uma interpretação outra do jovem como mero utilitário do utensílio da escrita e não como o fundador de uma nova mídiasfera. “*Não deveríamos antes elogiar a assistência das mediações e o recurso do utensílio? A técnica é tanto nosso destino quanto nossa sorte*” (DEBRAY, 1995, p. 151).

Platão indica, em sua obra, que quem sub-inscreveu e deu força à denúncia foram Lícon e Anito, que não são jovens, o que sugere, sutilmente, certa desclassificação da capacidade do jovem que venceu o debate. Hoje, como antes, o jovem entende e domina as novas tecnologias com facilidades inerentes às suas necessidades de comunicação com o mundo que o circunda.

A participação da juventude, na Atenas de 399 antes de cristo, foi imprescindível para que houvesse uma reviravolta, não somente no tocante às mudanças ocorridas nas leis, mas, sobretudo, no que se refere ao rumo que a poesia tomou por consequência do ataque platônico ao sistema poético após esta condenação histórica que desvelou olhares sobre o que poderia estar além do que Platão desejou mostrar em sua *Apologia*.

1.1- Sob a mira de Platão

A *Apologia de Sócrates*, obra escrita em forma de diálogo revê os suportes que dialogam na mesma obra numa tentativa de entrelaçarem-se um ao outro. A mídiasfera da escrita utilizada pelo jovem Meleto, em sua acusação, demonstra o poder de intervenção que este suporte sempre teve mesmo que a oralidade fosse o suporte imperante, portanto, predominante, do ponto de vista da propagação do saber e instauração do poder. Walter Ong aborda uma nova preocupação que vem questionar a cultura escrita e o passado oral:

Há algumas décadas surgiu entre os estudiosos uma nova perspectiva acerca do caráter oral da linguagem e de algumas implicações mais profundas dos contrastes entre oralidade e escrita (ONG, 1998, p. 13).

Nesta obra onde Platão remontou o julgamento de Sócrates se encontra recursos para uma análise sobre a participação do jovem que preocupado com as intervenções socráticas, resolveu levá-lo a um tribunal para que se defendesse das acusações impetradas. Platão remonta este último “diálogo” entre o poeta e o filósofo, o “velho” e o jovem a partir das informações que lhe chegaram do julgamento por intermédio de seus alunos.

Para observar a juventude, escolheu-se como alvo o jovem Meleto na Grécia clássica sob o olhar de Platão que, em sua escrita, de um lado, buscou elevar a importância do filósofo e, do outro, denegrir a participação do jovem na história deste julgamento. Deste modo, o Meleto acusador e, ao mesmo tempo, anti-herói conseguiu despertar a atenção de Platão que passou a se dedicar à retaliação e perseguição ao poeta e sua arte. Já o filósofo, após sua condenação, conduziu-se à decisão drástica de suicidar-se bebendo a cicuta.

Dentre os itens das acusações que o jovem Meleto representou contra o “velho” Sócrates, um foi crucial: “Sócrates corrompe a juventude” talvez, o que mais suscitou as mudanças ocorridas na relação da poesia com a filosofia naquele momento.

A atuação do jovem de Lampsacus na sociedade ateniense representou um marco no rumo do gênero poético na formação de jovens gregos onde as advertências platônicas em sua *República* do tipo: “a juventude deve ter sempre em mãos um antídoto contra os venenos lentos da poesia”, entram em voga.

1.2- Conflitos de gerações

A nosso ver, neste “diálogo”, escrito por Platão, se configura um conflito de gerações, tendo em Meleto o representante da juventude e em Sócrates, o representante de uma geração de “homens mais maduros”, de idosos, mas, que andava a filosofar cercado por jovens que admiravam e adotavam seu método de análise das coisas do mundo.

O mais instigante neste “diálogo”, é que o jovem poeta, em determinado momento, aparece como “conservador” por ser o pivô de uma crise estabelecida à luz de denúncias “nada

avançadas”: *comete crime corrompendo os jovens e não considerando como deuses os deuses que a cidade considera, porém outras divindades novas* (PLATAO, MCMLXIX, p.45).

O que sugere uma espécie de análise que denuncie o perfil desta personagem por levantar questões de cunho religioso e político, porém, institucional e pessoal. Por outro lado, o “velho” Sócrates, lançava um método considerado avançado pelos que o seguiam, mas que chocava tanto seus contemporâneos quanto a geração dos jovens representados por Meleto.

Discute-se a formação de tendências historicistas e filosóficas que legaram ao dito poeta jovem um lugar comum entre os esquecidos da literatura universal, como se seu esquecimento fosse o prêmio mais eficaz pelo que fizera aos filósofos em suas denúncias. Vejamos Ong:

Parece não haver nenhuma possibilidade de usar o termo “literatura” para abranger a tradição e a apresentação orais, sem que estas sejam sutil, mas irremediavelmente reduzidas a variantes da escrita (ONG, 1998, p. 21).

Para explicar este conflito de gerações em seus diversos suportes entende-se que

Cada mídiassfera é ela própria o encaixamento das esferas precedentes, imbricadas umas nas outras, com partes vivas e partes sobreviventes. As mídiassferas não se sucedem excluindo-se uma às outras e, no entanto, cada uma tem sua própria unidade, sua personalidade (DEBRAY, 1993, p.266).

Sócrates não escreveu, mas sua voz é a mídia que propiciou o cruzamento entre os suportes da escrita e da voz imortalizando-o. Por isso, Ong nos alerta:

Na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são sequer possíveis quando a escrita se apodera da psique. Contudo, sem a escrita, a consciência humana não pode atingir o ápice de suas potencialidades, não é capaz de outras criações belas e impressionantes (ONG, 1998, p.23).

O tema desta condenação contempla o choque entre gerações onde cada uma domina o suporte que lhe apraz. Este conflito se configurou menos pela disputa de um “método”, o maiêutico, do que de um embate “midiológico” que envolve formas de sociedades e sistemas de linguagens.

O jovem Meleto, tratado na *Apologia* como poeta, é o acusador que escreveu e programou uma nova mídiassfera, a da escrita.

De um lado, Sócrates representante máximo de uma geração defensora de suas idéias pelo viés da ética da voz. Sua oralidade deflagrou uma onipresença onde a escrita

não tinha o mesmo poder de propagação da oralidade. Curiosamente, a clausura de Sócrates, na imortalidade, se deu através do suporte da escrita. De outro, o jovem, amparado na mídiasfera da escrita que, também, lhe exigiu publicamente a utilização da voz para acusação e defesa de Sócrates. De acordo com nossa pesquisa, não há resquícios de que a defesa do filósofo tenha se dado, em primeiro plano, pelo suporte da escrita. Sua defesa se deu exclusivamente pelo suporte da voz onde houve uma pauta de acusações que deveria ser seguida conforme seus acusadores.

Portanto, Sócrates é a mídiasfera da memória cerebral, enquanto o jovem Meleto é a metonímia da juventude na memória literária, o que sugere um debate sobre a poesia não como essência, mas como trânsito permanente entre estas mídiasferas. Primeiro, a voz (PAZ, 1989) trouxe versos que invadiram os ouvidos com sons de palavras outras que mexiam corpos em encenações, e, mobilizavam mentes em campos movediços e férteis de sentidos outros, em busca de entendimentos outros que a palavra propunha além do que habitualmente queria dizer. A escrita, se impôs como a fonte mais precisa de todos os saberes já que a voz ainda não dispunha de um recurso cujo arquivo estivesse além da memória popular. Ainda segundo Ong (1998, p. 55): “*A escrita alimenta abstrações que afastam o conhecimento da arena onde seres humanos lutam entre si. Ela separa aquele que conhece daquilo que é conhecido*”.

2- Considerações

A participação dos jovens, neste fato, foco de nosso artigo, nos chamou a atenção por dois motivos: um, as inquietações que moveram o jovem Meleto à acusação do filósofo de corrupção da juventude, o que de certa forma a *Apologia* escrita por Platão não esclarece. Mesmo quando o próprio Meleto é interpelado por Sócrates, não explícita o que seria esta corrupção de jovens. Outro motivo: o poder de argüição que o jovem teve de convencer o tribunal a votar favorável à sua propositura, mas mesmo assim, este poder de argüição aparece apenas nas entre linhas da obra.

Deste modo, fica claro que neste enredo houve um conflito de gerações que envolveu muito mais do que estas acusações, aparentemente, infundadas. Entende-se

que esta “pendenga” que envolve escrita e oralidade vai além do que propõe a *Apologia de Sócrates* de Platão.

3- Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato.** Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Austin: University Of Texas Press, 1993.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da informação e da comunicação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEBRAY, Régis. **Manifestos midiológicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

DEBRAY, Régis. **Curso de midialogia Geral.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Felix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

GOFFMAN, KEN E JOY, DAN. **Contracultura através dos tempos.** Rio de Janeiro: EDIOURO, 2007.

HAVELOCK, Eric. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais.** UNESP, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão.** São Paulo: Papirus, 1995.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

PAES, José Paulo. **Poemas da antologia grega ou palatina. Séculos VII a.C a V d.C.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAZ, Octávio. **A outra voz.** Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ed Siciliano, 1989.

PIMENTA, Alberto. **O Silêncio dos poetas.** Lisboa: Ed. Regra do Jogo, 1978.

PLATÃO, **A República.** São Paulo: Ed. Galouste, 1993

PLATAO. **Apologia de Sócrates.** Rio de Janeiro: Ed. Ouro, MCMLXIX.

PLATÃO. **O Banquete.** São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1991

PLATÃO. **O Íon.** Pará: Coleção Amazônia, Série Farias Brito, UFPA, 1980.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

VEGETTI, M. **O homem grego.** São Paulo: Ed. Presença, 1994.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.** São Paulo: Cia. das letras, 1995.